

A TRANSVERSALIDADE E A INTERDISCIPLINARIDADE COMO DIFUSORES DA ÉTICA SENCIENTE

ROGÉRIO CÉSAR MAURI¹

RESUMO:

O panorama mundial propõe uma reflexão diante da sensação de um vazio ético em que os valores morais estão sendo questionados, pois se transformaram em valores voláteis, mutáveis a interesses de mercado, de status social e a valorização dos prazeres em detrimento de qualquer questionamento dessa conduta. A ética na prática é a escolha do melhor para si, o conjunto que se acomode ao meio; o que importa é o bem viver, o bem viver do indivíduo. Dentro desse panorama, num diminuto planeta já com 7 bilhões de egocêntricos na sua maioria, o futuro é, no mínimo, incerto. Se o homem não começar a questionar esses valores poderá colocar em risco tudo o que conquistou até agora; poderá colocar em risco a sobrevivência da própria espécie e comprometer ainda a sobrevivência de outras espécies e mesmo a estabilidade da vida no planeta. Sintetizando os conceitos da ética e da moral, do desenvolvimento da ciência e apresentando alguns conceitos como base para o estudo, este artigo sugere uma reforma do pensamento apresentando como princípio de reflexão a ética senciente, ou zooética, inserida no contexto pedagógico que lida com a socialização humana nos primeiros estágios da criança, ou seja, dos 2 aos 14 anos. A ética senciente, por transcender a moral especista, cria a condição necessária para o desenvolvimento do pensamento complexo, o entendimento da vida como um todo, que somos partes desse todo e, conseqüentemente, a superação do egocentrismo enraizado na conduta humana do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE:

Filosofia; Ética; Zooética; Especismo;

INTRODUÇÃO

O homem deseja um mundo melhor? Evidente que sim. Mas caminha ele pela estrada que o levará efetivamente a esse mundo melhor? Que visão o homem comum tem desse mundo melhor? Uma visão para si, para o outro, para todo o planeta? Analisando brevemente o panorama mundial a visão será contraditória. Ao passo que conseguimos importantes avanços nas ciências, na tecnologia, nos meios de comunicação, na ampliação da expectativa de vida, não conseguimos superar os conflitos armados, a miséria em vários pontos do planeta, a corrupção, a criminalidade, a tirania do mercado capitalista e até o fanatismo religioso, que prega a redenção do homem pela aniquilação dos contrários, dos diferentes. Substituímos a tirania das monarquias pela tirania do consumismo. Sugamos os recursos do planeta tal qual o vírus

¹ Rogério César Mauri é aluno de Filosofia pela UnisulVirtual – Universidade do Sul de Santa Catarina.

que se apropria do seu hospedeiro sem notar que a sua fome será a sua morte.

O sentimento de um vazio ético, a confusão dos valores morais, a redução do homem a um objeto de culto exponencial de uma estética plastificada, tatuada, adornada, *photopaintada*², alienada no ter como sinônimo do ser e do poder. A família, vivenciando a mesma crise ética; as religiões tradicionais, impotentes, pois se perderam em velhas fórmulas. As novas propostas de religião, empresas capitalistas mascaradas de um misticismo que vende a indulgência e até que conseguem, em certo grau, manter o estado hipnótico de uma fé pautada na última esperança de juízo final, quando um redentor voltará para julgar os bons e os maus. Que homem é esse que caminha pelo mundo?

Diante desse cenário e da incerteza de um cenário futuro, resta à filosofia, como bem afirma Edgar Morin (2011), resgatar a sua missão que é a de conciliar o mundo moderno com as questões importantes que propicie ao homem dar um novo passo rumo à trajetória histórica, mas que seja um passo de qualidade.

Nesse sentido, transformar o meio, reformar o meio e atuar na realidade é exercer a ética pautada em um preceito moral advindo do caráter construído pelo pensamento humano. No entanto, uma moral que pense o complexo, que não seja reduzida a uma conduta com valores subjetivos, mas que seja ampla, de conjunto, no contexto do mundo melhor objetivado pelo ideal humano que o trouxe até este momento. Qual o caminho? Qual discurso ou diálogo é o mais adequado para estimular essa reflexão ética? Daquilo que já aprendemos durante o desenvolvimento de nossa história e de nossa cultura, o que podemos tirar e sintetizar? Há espaço para isso? Temos o canal certo para aplicar esses conceitos? É válido? A filosofia pode ser apresentar, efetivamente, como conhecimento libertador? São essas as perguntas que tentaremos responder ou ao menos lançar como desafio para um repensar a humanidade, para um reconstruir nossa concepção de mundo, de ser, de estar no mundo.

Como objetos de estudo tomaremos os conceitos da transversalidade e da interdisciplinaridade no contexto pedagógico para sugerir um modelo ético alternativo que busque repensar os valores morais construídos pelo homem. Partiremos da problematização da conduta ética do homem contemporâneo.

1 – ÉTICA E MORAL

O entendimento dos termos *Ética* e *Moral* representa o ponto de partida para a refle-

² Analogia ao termo usado para designar uma imagem (foto) corrigida ou alterada pelo programa de computador Photo-Paint da empresa Corel Corporation.

xão sobre o tema. Há certa confusão nesse sentido que justifica a necessidade dessa introdução. Ética, do vocábulo grego *ethos*, que em princípio significava local ou moradia, passou a designar costumes ou caráter e, assim, a forma de conduta do indivíduo diante da vida, da sociedade. Moral, do latim *mores*, que quer dizer costumes, passou a designar as regras adquiridas através do hábito, o comportamento, o modo de ser e agir. Ao conjunto dessas regras, ao conjunto dos comportamentos e costumes construídos no decorrer da história de um grupo de indivíduos, de uma sociedade, denomina-se moral, ou seja, os valores morais ou moralidade.

Dadas essas definições é preciso compreender a relação entre Ética e Moral. A Ética atua no campo teórico, representa a reflexão. A Moral é a prática, a atitude. Assim, a Moral ou comportamento, é exercida sempre na perspectiva da Ética, da reflexão ética. Quando pensamos sobre a Ética estamos pensando sobre a forma de agir diante dos preceitos morais aos quais estamos sujeitos de acordo com nossa cultura, com nossa história. Significa, portanto, refletir sobre o agir do ponto de vista das noções do bem e do mal. Nossa postura ética determina o nosso caráter, conduzindo-nos no pensar e no agir diante da realidade. Podemos resumir os termos a um entendimento mais claro como sendo a Moral a conduta e a Ética a escolha.

Não é objetivo neste trabalho discutir o desenvolvimento histórico da Ética como ciência do comportamento moral, no entanto uma de suas teorias nos é de interesse para tratar o tema proposto. Nesse sentido, cabe apresentar uma crítica sobre o desenvolvimento tradicional da moral e, conseqüentemente, da Ética.

2 – A MORAL ESPECISTA

Se percorrermos a História, em especial o desenvolvimento da Ética ocidental, desde Sócrates quando este propõe ao homem pensar, analisar e investigar nossas condutas, até as teorias mais modernas como o imperativo categórico de Kant, o utilitarismo de John Stuart Mill, a justiça como equidade de John Rawls e a ética discursiva de Habermas, iremos nos deparar com uma visão monolítica que coloca a raça humana, sua cultura e a sua história no centro do discurso ético, tal como se pretende mostrar a seguir.

Sócrates propõe investigar o que é a virtude afirmando que à medida que nos conhecemos nos tornamos mais e mais virtuosos. "Conhece-te a ti mesmo". Assim, o mal representa a ausência do conhecimento do bem. No entanto, a perspectiva do pensar sobre a moral em Sócrates é antropocêntrica, ou seja, objetiva o próprio homem, a felicidade do homem, o bem estar do homem. E ainda que seja para o homem, não está sujeita a todos, pois que Sócrates

reconhece, por exemplo, a diferença de classes e raças.

Dando um salto para a modernidade encontraremos essa perspectiva antropocêntrica nas teses de Immanuel Kant (1704-1804) que traz a discussão ética no nível do indivíduo em que a autonomia representa um pressuposto ao exercício da liberdade do sujeito moral a partir da sua própria racionalidade. O indivíduo deverá trilhar seu destino consciente, no entanto, do seu dever como parte de algo maior, a sociedade. Esse é o 'imperativo categórico' definido por Kant: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre como princípio de uma legislação universal” (KANT, 1959). Qual moralidade? Aquela que garanta a felicidade e o bem estar da raça humana.

Passando agora pelo Utilitarismo, como extensão da visão de felicidade em Sócrates, tendo John Stuart Mill como um de seus principais representantes, mais uma vez notaremos o foco no indivíduo, no indivíduo humano e, conseqüentemente, o aprofundamento da concepção de bem estar para a sociedade humana, delimitando a discussão em volta exclusivamente do homem como núcleo do direito a epifania³ cósmica.

Fazendo uma reflexão, o surgimento da teoria ética da justiça como equidade indica que as coisas não caminhavam bem. Ao desenvolvermos uma "*Teoria do Dever*", como tratado no livro de mesmo título pelo filósofo John Rawls (1929-2002), tal significa que não fomos capazes de suportar a conquista da liberdade como objetivo da busca pela felicidade. Aprofundamos o direito ao prazer, confundindo nossa autonomia e subjugando a legislação moral do bem comum. E tal “alargamento de direitos” não se refere nem mesmo ao homem como raça, somente ao indivíduo, enquanto parte de um meio ou cultura que proporciona gozar de facilidades materiais. Jürgen Habermans (2002) ao propor sua teoria discursiva para que a sociedade alcance um objetivo ideal, uma finalidade objetiva, expõe igualmente a necessidade de reflexão sobre os caminhos tomados pelo homem na apropriação do conhecimento e da sua liberdade ética.

Em reação a essas concepções antropocêntricas da ética surge o conceito de ‘especismo’, cunhada pelo psicólogo britânico Richard D. Ryder quando a utilizou pela primeira vez em um panfleto publicado em 1970⁴ e mais tarde adotada por autores de obras que tratam sobre os direitos animais, dentre eles, o filósofo Peter Singer que ampliou os conceitos do termo ao tratar essa questão ética em seu famoso livro *Libertação Animal*⁵. Nessa definição, o especismo representa a atribuição de valores ou direitos diferentes a seres segundo a sua espécie o

³ Sensação de realização ou compreensão da essência de algo.

⁴ The Guardian. **All beings that feel pain deserve human rights**. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare>>. Acesso em 09 mai. 2012.

⁵ SINGER, Peter. *Libertação Animal*, Editora Lugano, 2004, ISBN8589958019.

que na visão antropocêntrica nos leva a crer que a vida de um indivíduo humano tem mais importância do que a vida de qualquer outro ser. Toda a moral e a ética, nesse sentido, teriam sido discutidas num contexto de valores restritivos, fechadas aos interesses exclusivos dos seres humanos.

3 – O MÉTODO CIENTÍFICO

Para uma melhor compreensão da proposição anunciada pelo título é preciso fazer um paralelo ao desenvolvimento da ética com uma análise sintetizada do desenvolvimento do conhecimento, em especial o conhecimento científico. O ponto de partida é o método cartesiano, de René Descartes (1596 – 1650), que inaugura o pensamento moderno e irá servir de base para que o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin desenvolva o seu pensamento acerca da complexidade e, conseqüentemente, da proposta educativa da transversalidade e da interdisciplinaridade que será abordada neste artigo.

O método cartesiano propõe uma desconstrução do todo em partes significativas a partir de quatro regras básicas: verificar, analisar, sintetizar e enumerar. Influenciando vários segmentos do conhecimento humano, dentre eles a geometria, a epistemologia e as ciências naturais, seu pensamento crítico da dúvida hiperbólica dará origem ao Ceticismo Metodológico, que propõe a redução do conhecimento a termos evidentes, irreduzíveis. Essa forma de pensar o mundo trouxe importantes avanços em todas as áreas do conhecimento humano, propiciou o desenvolvimento das ciências naturais e da tecnologia principalmente. No entanto, de certa forma, submeteu-se a Filosofia a serviço da Ciência, especialmente, a partir do positivismo lógico construído pelos filósofos do Círculo de Viena⁶, que encontraram no pensamento cartesiano a justificativa para rejeitar a metafísica. E ao rejeitá-la e concentrar a interpretação acerca do mundo nos valores e nas causas subjetivas dadas pela análise empírica, pelo método, reduziu-se a capacidade de discutir o ser, a essência e os aspectos objetivos do homem como parte integrante de um todo maior, de um mecanismo complexo e vivo, transportando-o para uma condição fictícia de superioridade em relação à realidade. Nessa condição, transita pelo mundo, soberbo, vítima de sua própria falácia.

3 – ESPECISMO E CIENTIFICISMO COMO FORMADORES DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

⁶ Wikipédia. **Círculo de Viena**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_de_Viena>. Acesso em 09 mai. 2012.

Como consequência dessas duas linhas de pensamento, a ética *especista* e o modo cartesiano de entender o mundo⁷, eis que surge uma nova imagem de homem como pretensão senhor de todas as coisas, voltado ao acúmulo materialista e incapaz de reconhecer e reconstruir os valores morais que estendam o seu direito ao bem viver ao conjunto da sociedade, da raça humana e além. O homem, escravo de sua própria liberdade, justifica seu agir como direito a essa mesma liberdade e daí o sentimento de um vazio ético como afirma Jacqueline Russ.

[...] vivemos num momento em que as referências tradicionais desapareceram, em que não sabemos mais exatamente quais podem ser os fundamentos possíveis de uma teoria ética. O que é que, hoje, nos permite dizer que uma lei é justa? Nós o ignoramos. É num vazio absoluto que a ética contemporânea se cria, nesse lugar onde se apagaram as bases habituais, ontológicas, metafísicas, religiosas da ética pura ou aplicada. A crise dos fundamentos que caracteriza todo o nosso universo contemporâneo, crise visível na ciência, na filosofia ou mesmo no direito, afeta também o universo ético. Os próprios fundamentos da ética e da moral desapareceram. No momento em que as ações do homem se revelam grávidas de perigos e riscos diversos, estamos mergulhados nesse niilismo, essa relação com o ‘nada’, da qual Nietzsche foi, no século passado, o profeta e o clínico sem igual. O que significa niilismo? Precisamente que todas as referências ou normas da obrigação se dissipam, que os valores superiores se depreciam. O niilismo designa o fenômeno espiritual ligado à morte de Deus e dos ideais supra-sensíveis. É nele que se origina a crise atual da ética. (RUSS, 1999, apud BARTEL, 2011, p.17).

Identificamos assim uma crise de valores que se contradiz com a pretensa evolução humana anunciada. O pensamento materialista, da satisfação empirista como objetivo de vida, do culto ao corpo como imagem de um ideal plastificado, construído, reconstruído, adornado, tatuado, objetivado a uma cultura do ter como expressão do ser e do poder. Das academias lotadas, dos personagens da novela que protagonizam o vilão rico e o mocinho pobre, do jogador de futebol bilionário, dos shows com luzes psicodélicas, do som enlatado como sinônimo de boa música, do medo, da arrogância, da estupidez do nada como magistratura do tudo. E, por fim, do submeter a Natureza aos interesses humanos em níveis jamais pensados, este é o homem que bate às portas do século XXI.

Projetar o cenário futuro dessa sociedade é dar elementos à ficção trágica do fim do mundo, do juízo final e tantos outros dogmas do Apocalipse humano. Por outro lado, é preciso reconhecer que o planeta talvez não suporte a carga dos já 7 bilhões de vorazes larvas que corroem os recursos naturais como nuvens de gafanhotos nas plantações de trigo. A menos que o planeta tenha mecanismos de autorregulação que ainda desconhecemos, o futuro é incerto.

Há, portanto, espaço para o repensar humano. Refletir sobre o tipo de sociedade pre-

⁷ O método científico deu ao homem a sensação de domínio sobre a natureza.

tendida para esta e para as futuras gerações e ampliar esse conceito, estendendo-o ao planeta, nosso único lar conhecido, a todas as espécies, a todos os reinos. Parece ser esse um trabalho para a Filosofia, a única área do conhecimento humano capaz talvez de superar o pragmatismo construído no equívoco do direito à supremacia da espécie humana.

Abre-se, portanto, as portas para a discussão de uma ética pautada em valores morais abrangentes estendendo os braços para além da racionalidade, ou irracionalidade, humana, para uma visão de conjunto, reconhecendo o homem como ator e diretor numa dimensão existencialista que o transcenda e compreenda, no sentido de alcançar e juntar, todas as dimensões de seres e reinos que compartilham com ele os mesmos direitos de existir e de *experienciar* o mundo na sua plenitude.

4 – SENCIENTIA COMO PROPOSTA PARA UMA REFLEXÃO ÉTICA

Peter Singer, filósofo australiano, publicou em 1975 um livro com o título “*Libertação Animal*” em que denuncia práticas de crueldade contra animais, propondo assim uma visão ética que inclua todos os animais no direito à vida digna. Nessa obra o autor classifica o *especismo* como postura tão repugnante quanto o racismo.

Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para recusar ter em conta esse sofrimento. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta consideração como ao sofrimento semelhante – na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada – de um outro ser qualquer. Se um ser não é capaz de sentir sofrimento, ou de experimentar alegria, não há nada a ter em conta. Assim, o limite da senciência (utilizando este termo como uma forma conveniente, se não estritamente correta, de designar a capacidade de sofrer e/ou, experimentar alegria) é a única fronteira defensável de preocupação relativamente aos interesses dos outros. O estabelecimento deste limite através do recurso a qualquer outra característica, como a inteligência ou a racionalidade, constituiria uma marcação arbitrária. Por que não escolher qualquer outra característica, como a cor da pele?

Os racistas violam o princípio da igualdade, atribuindo maior peso aos interesses dos membros da sua própria raça quando existe um conflito entre os seus interesses e os interesses daqueles pertencentes a outra raça. Os sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecerem os interesses do seu próprio sexo. Da mesma forma, os especistas permitem que os interesses da sua própria espécie dominem os interesses maiores dos membros das outras espécies. O padrão é, em cada caso, idêntico. (SINGER, 1975).

No Brasil, a filósofa Sônia T Felipe é uma das autoridades em filosofia moral que trata da questão da ética senciente. No livro de sua autoria “*Ética e Experimentação Animal*”⁸ afirma que os argumentos que justificam a indústria da experimentação animal são de ordem

⁸ FELIPE, Sônia T. *Ética e Experimentação Animal*, Editora UFSC, 2007, ISBN8532803938

econômica, não moral. Os supostos benefícios aos humanos, como resultado dessa atividade, representam àqueles seres submetidos dor e sofrimento sem recompensa de qualquer natureza.

Quando animais são enquadrados nos moldes do bem viver humano, quando eles são antropomorfizados. Eles são destituídos da condição de desenvolverem seus próprios espíritos. (FELIPE, 2009).

Senciência, dessa forma, designa a capacidade de sentir dor e prazer, a sensibilidade da experiência vivida com consciência. Nessa classificação estão incluídos os animais que julgamos inferiores, como também o homem. A diferença é que damos a cada qual um peso de valor, elevando nossa espécie ao direito máximo, subjugando as demais como se estivessem no mundo à nossa disposição, para atender às nossas necessidades de prazer e bem estar.

Ao propor uma reflexão ética sobre valores morais *especistas*, a sentiência transcende para a análise da dimensão do homem no mundo já que o faz sair de seu casulo egocêntrico passando agora a considerar aspectos externos aos limites de suas verdades relativas. O homem, para desenvolver essa reflexão que considera plausível ao menos como objeto deliberativo, é obrigado a deslocar sua consciência para uma esfera mais ampla de entendimento. É nesse momento que ele começa a olhar para o mundo a partir de uma nova perspectiva, de uma nova razão.

Ainda que exista nos olhos a visão, e quem a possui tente servir-se dela, e ainda que a cor esteja presente nas coisas, se não se lhes adicionar uma terceira espécie, criada expressamente para o efeito, sabes que a vista nada verá, e as cores serão invisíveis (PLATÃO, 2009, p.204).

Retirar os véus da ignorância se faz projetando a luz do conhecimento. Tudo está à vista, mas se o conhecimento acerca dos fatos não se faz presente, o caminhar será sempre o mesmo, pela mesma trilha, pelos mesmos erros. Seria então a ética senciente uma proposição válida para dar ao homem condições de reavaliar seus valores morais tirando-o dessa sensação de vazio que o faz escravo de sua própria condição majoritária, a hegemonia humana sobre o planeta? Quando relembramos os possíveis cenários futuros da humanidade, frutos do cientificismo e o do materialismo predominantes no mundo contemporâneo, julgamos urgente uma saída. Mudar então a consciência humana? Mas, dessa que está aí, na plenitude de sua vida ativa, senhores de seus destinos, governantes, governados, convictos de suas verdades? Deixarão de comer carne, de abater, sacrificar e submeter as espécies inferiores e agindo dessa forma passarão a ser mais justos? Tornar-se-ão menos materialistas, mais objetivos, fraternos, conscientes de sua posição nesse reino de todas as possibilidades, nessa dimensão existencial

cuja causa e propósitos residem na incompletude do entendimento humano? Parece-nos uma utopia. Teremos que percorrer mais alguns conceitos.

5 – A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO

Não compete a este capítulo e nem mesmo a este artigo tratar ou aprofundar os temas relacionados aos estágios de desenvolvimento da inteligência humana, mas as bases sobre uma das mais importantes teorias que influenciam a epistemologia serão apresentadas.

Jean William F Piaget (1896-1980) epistemólogo suíço defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica, inaugurando a Epistemologia Genética que busca no estudo da gênese psicológica do pensamento humano a base para uma teoria do conhecimento. Segundo Piaget há quatro estágios no desenvolvimento da inteligência humana⁹:

Estágio sensório-motor (de zero a dois anos): Caracteriza-se pela ausência da capacidade de representar mentalmente os objetos da realidade. Predomínio sensorial e dos atos motores na criança. Ela interage com meio buscando sentir os objetos, mas ainda não ‘pensa’ os objetos.

Estágio pré-operatório (dois a sete anos): Construção do simbolismo expressado pela fala e outras formas de expressão, como as brincadeiras e o desenho. É nesse estágio que a criança desenvolve o pensamento egocêntrico e passa a se relacionar com o mundo através do seu ponto de vista. Ela ‘percebe’ o mundo e começa a construir imagens subjetivas. Sua conduta é narrativa. Desenvolve as noções sobre números e a percepção hierárquica de classes. No estudo deste artigo esse e o próximo estágio nos interessam.

Estágio operatório-concreto (sete a doze anos): Superação do egocentrismo infantil e construção da noção de reversibilidade¹⁰. Nesse estágio, segundo Piaget, a criança é capaz ainda de representar graficamente dados concretos através de símbolos e signos, ordena, classifica e agrupa informações em classes e categorias. Este é o momento em que a mente está mais preparada para reconhecer, por exemplo, a classificação dos reinos, espécies e categorias de objetos do mundo real. Conseqüentemente, desenvolve a noção de espécie humana como algo distinto dos outros animais.

Estágio operatório-formal (doze a dezesseis anos): Enquanto no estágio anterior a criança mantém-se, de certa forma, presa ao mundo real para compor suas concepções isola-

⁹ Apud SILVA, Maria da Glória Silva e; SALVALAGGIO, Marília Maura Pires Baptista; OLIVEIRA, Alessandra. Psicologia e Educação. 2.ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

¹⁰ A capacidade de representação de uma ação no sentido inverso, anulando a transformação observada.

das acerca do meio, no estágio operatório-formal ocorre a inserção dos conceitos de hipóteses, proposições e mesmo a análise de cenários futuros. Os conceitos de probabilidade, chance e proporção de desenvolvem dando ao adolescente desse estágio a capacidade de construir combinações possíveis via métodos sistemáticos para alcançar um resultado. Dá-se aqui o início da aplicação prática dos conceitos e ideias adquiridas nos estágios anteriores que servirão em certo grau como base moral para a conduta ética do adulto que será no futuro.

Se as teorias de Piaget estiverem corretas quando afirmam que a aprendizagem se dá pela apropriação de novos conhecimentos a partir da ação do sujeito sobre a realidade, então seria correto afirmar que o sujeito é protagonista na construção do seu próprio conhecimento ao se relacionar e interagir com a realidade. Isso nos remete à ideia de que a interação produzirá resultados qualitativos proporcionais ou alinhados à qualidade da realidade que é apresentada ao sujeito. Seus valores serão construídos a partir do conjunto de objetos, sensações, impressões, significados, símbolos e signos que compõem a realidade com a qual está interagindo. Isso nos dá uma pista, pois nos aponta o como e o quando se dá a construção das bases morais. Avaliando, por exemplo, o estágio pré-operatório (dois a sete anos) é possível confirmar o que diz Piaget ao nos depararmos com a criança, nessa fase, desenvolvendo sua linguagem narrativa.

Diante da realidade a criança constrói o seu faz-de-conta, o jogo simbólico de um mundo imaginário que procura, internamente e através da imitação, representar o mundo real. Destaque para a representação do real pela imitação. O que a criança vê, sente, percebe, é o que ela tenta reproduzir, como se estivesse tentando construir sua identidade (seu eu) no contexto social de sua percepção que a cada dia amadurece¹¹. Esse mundo imaginário da representação interna, seguindo ainda a teoria de Piaget, será a argamassa com a qual a criança irá trabalhar, nos próximos estágios, para a construção das suas concepções simbólicas sobre o meio, sobre os métodos, sobre a conduta e sobre o futuro. Assim, conclui-se que desde o nascimento, a partir da sua experiência sensível com a realidade, passando pela construção dos símbolos narrativos até a maturidade do raciocínio que lhe dá agora a capacidade de prever, quantificar, ordenar, classificar e agir, o homem é de certa forma, preparado para aceitar e reconhecer valores e condutas que fluíram e que o envolveram na sua relação com o mundo. Nesse ‘tecido temporal’ se dá a construção histórica da cultura. Até esse ponto o homem é, em certo grau, produto do meio que o cerca. A partir desse ponto será agente de transforma-

¹¹ Essa também era a opinião do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire.

ção do meio e o meio será a resultante daquilo que ele construiu como verdade nos primeiros estágios, ainda que possa mudar.

Retomando o tema e considerando as ideias de Piaget, pode-se concluir que a ética senciente como proposta de reflexão sobre a conduta do homem no mundo será mais facilmente entendida e aceita pela criança que está desenvolvendo a linguagem narrativa e construindo suas representações internas de mundo ideal (uma verdade absoluta pautada no bem comum como base para a formação de uma verdade relativa, o eu subjetivo). Então, a proposta seria introduzir os temas relacionados à sciência nos primeiros estágios do desenvolvimento da criança? Sim, essa é a proposição deste artigo. Aponta-se como objetivo, predispor o homem a refletir sobre o seu agir no mundo, pautado agora numa visão realista do seu estar no mundo como criatura livre e ao mesmo tempo responsável para com o todo à sua volta, que representa a garantia do seu viver e do seu sobreviver, incluindo a consideração sobre as demais espécies de vida não-humanas. Resta como desafio encontrar os meios efetivos para tais fins. Ao que nos parece, uma possível saída corresponde ao método pedagógico construído no modelo de escola contemporânea alinhado ao pensamento de educação como prática da liberdade e a autonomia do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997), para o qual “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 1987, apud TARGA, 2010, p.176).

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do *ser para* si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2011, p.105).

Ao pensar essa pedagogia libertadora em busca da autonomia, por que não a família? Porque ela está, não generalizando, destituída da prerrogativa abonadora a essa empreitada, já que sofre em sua essência os reflexos do mesmo sentimento de vazio ético que paira na relação social mais ampla que é a sociedade. Por que não a religião? Porque não conseguiu reformular seus dogmas adaptando-os a uma realidade que busque por respostas e não por cega fé em velhas fórmulas. Então, por que a escola? Porque esta ainda é o meio em que a filosofia encontra espaço para florescer, libertadora, capaz de penetrar em terrenos que a sociedade materialista, positivista, ignora ou rejeita e avançar sobre temas que a religião não consegue dar respostas efetivas sem se ver presa em algum ponto ou momento ao dogmatismo pernicioso. Uma pausa na reflexão filosófica para conhecer um novo conceito.

6 – O PENSAMENTO COMPLEXO EM EDGAR MORIN

Antropólogo, sociólogo e filósofo o francês Edgar Morin teorizou a complexidade lançando as bases para o entendimento do pensamento complexo. Seguindo Morin, a razão cartesiana impôs ao mundo um paradigma. Ensinou-nos a verificar, analisar, sintetizar e enumerar, reduzindo a realidade a termos irreduzíveis para compreender os aspectos da Natureza e assim construir o nosso conhecimento. Como consequência desse paradigma, dessa forma de entender o mundo, a ciência se propôs àquilo que achava ser a sua missão: “dissolver a complexidade das aparências para revelar a simplicidade oculta da realidade; [...]” (MORIN, 2011, p.91). Ao transferir esse aporte mental da redutibilidade para a conduta do homem do século XX, construiu-se a figura do indivíduo como parte significativa do meio, dando a esse indivíduo um valor superior, exponencial. Caminho aberto para o egocentrismo e para o julgamento ético da moral especistas, da moral individualista. Nesta perspectiva, o mundo melhor é aquele em que tenho meus direitos garantidos e meus prazeres atendidos; se necessário, a qualquer custo. A mente humana, nesse sentido, deixa de compreender o complexo, a interrelacionalidade do meio e passa a pensar apenas no simples, no menos oneroso ao entendimento complexo das ações e reações que compõe o tecido da vida e como consequência passa a ignorar a própria malha de interações que dá garantia à existência da vida num planeta diminuto de recursos limitados. O que temos que fazer agora é religar o que a ciência cartesiana separou e reformar o pensamento.

A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza. O pensamento que une substituirá a causalidade linear e unidirecional por uma causalidade em círculo e multirreferencial; corrigirá a rigidez da lógica clássica pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas, e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes. (MORIN, 2011, 92).

O homem reconhecerá que a vida que está em si é a mesma vida na qual ele está inserido e que o desrespeito à vida externa é a condição primeira para a condenação da vida que está interna. Uma é causa e efeito da outra. Portanto, não é o homem que deve ser considerado como unidade irreduzível da complexidade do mundo, mas sim a vida.

No seu estudo sobre a complexidade, Morin avança para a Pedagogia e lança as bases para a construção de um novo método de ensino, uma nova abordagem transdisciplinar, que objetiva ligar as disciplinas do currículo escolar, estanques, por meio de uma linguagem comum, que conecte os conceitos próprios a cada uma, ampliando o entendimento e o conheci-

mento para uma visão de conjunto, integrada, interrelacionada, complexa. Superado isso a mente do homem passa a compreender o mundo numa dimensão totalmente diferente. Reconhecerá que sua ação pontual interpenetra e afeta o meio de forma que produzirá um resultado abrangente. Constrói-se a partir desse ponto uma nova definição de saber humano, não fragmentada, pois que deverá considerar a realidade que o cerca elevando esses conceitos para uma concepção de ensino onde os conteúdos devem privilegiar a interrelacionalidade, a interdisciplinaridade. O aluno interage com o aprendizado construindo sua autonomia ao passo que constrói seu conhecimento com liberdade (FREIRE). É a contextualização do conhecimento buscando a construção do pensamento complexo, de um novo homem, como diz Morin, “a reforma do pensamento”.

7 – A INTERDISCIPLINARIDADE E A TRANSVERSALIDADE NO BRASIL

É possível implantar o conceito de interdisciplinaridade e transversalidade como método de ensino, em especial, no Brasil? Essa é uma questão que já rendeu muitos artigos científicos, debates, teses, livros e congressos. No consenso, sim. Não só é possível como se faz necessário diante de um mundo reconhecidamente complexo, veloz, que exige mais e mais a compreensão em conjunto para dar conta da enorme quantidade de informações que recebemos todos os dias, em especial, das mídias modernas, da Internet, da TV, dos jornais, das interações sociais em todos os níveis.

No Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais instituíram os chamados Temas Transversais como forma de inserção prática da interdisciplinaridade. No livro PCN de 1ª. a 4ª. série editado pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC, 1997, encontramos a seguinte apresentação:

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual. Isso não significa que tenham sido criadas novas áreas ou disciplinas. Como você poderá perceber pela leitura deste documento, os objetivos e conteúdos dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade. Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate. Este documento discute a amplitude do trabalho com problemáticas sociais na escola e apresenta a proposta em sua globalidade, isto é, a explicitação da transversalidade entre temas e áreas curriculares assim como em todo o convívio escolar. Há também um documento para cada tema, expondo as questões que cada um envolve e

apontando objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e orientações didáticas, para subsidiá-lo na criação de um planejamento de trabalho eficiente para o desenvolvimento de uma prática educativa coerente com seus objetivos mais amplos. (BRASIL, 1997, Livro 8.1 - p.15).

Interessa-nos, neste capítulo, conhecer como a discussão da Ética é apresentada nos chamados Temas Transversais dos PCNs. As abordagens teórica e prática sobre como esses conceitos estão sendo implantados no Brasil podem ser obtidas através de consultas e pesquisa ao próprio portal do MEC¹². Assim, acessando o volume 8.2 – Temas Transversais – Ética¹³ do PCN, encontramos o seguinte texto encabeçado pelo título “Importância do Tema”:

O homem vive em sociedade, convive com outros homens e, portanto, cabe-lhe pensar e responder à seguinte pergunta: “Como devo agir perante os outros?”. Trata-se de uma pergunta fácil de ser formulada, mas difícil de ser respondida. Ora, esta é a questão central da Moral e da Ética. Moral e ética, às vezes, são palavras empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. Ética pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas. Em outro sentido, ética pode referir-se a um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional (por exemplo, os códigos de ética dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc.). Em outro sentido, ainda, pode referir-se a uma distinção entre princípios que dão rumo ao pensar sem, de antemão, prescrever formas precisas de conduta (ética) e regras precisas e fechadas (moral). Finalmente, deve-se chamar a atenção para o fato de a palavra “moral” ter, para muitos, adquirido sentido pejorativo, associado a “moralismo”. Assim, muitos preferem associar à palavra ética os valores e regras que prezam, querendo assim marcar diferenças com os “moralistas”. (BRASIL, 1997, Livro 8.2 – p. 49)

Trata-se de um documento formal que estabelece regras que serão adotadas no currículo escolar e no desenvolvimento das disciplinas para toda a educação pública brasileira. Assim, o PCN apresenta, no mesmo livro, os objetivos da inserção da Ética como Tema Transversal:

O trabalho a ser realizado em torno do tema Ética durante o ensino fundamental deve organizar-se de forma a possibilitar que os alunos sejam capazes de:

- compreender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade da construção de uma sociedade justa;
- adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista;
- adotar, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações;

¹² MEC – Parâmetros Curriculares Nacionais: Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640:parametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195:seb-educacao-basica>. Acesso em: 15 mai. 2012.

¹³ MEC – Secretaria de Educação Fundamental. Ética. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro082.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

- compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade democrática e solidária;
- valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas;
- construir uma imagem positiva de si, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida e pela legitimação das normas morais que garantam, a todos, essa realização;
- assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação. (BRASIL, 1997, Livro 8.2 – p. 65).

Percorrendo todo o texto do livro, nas suas 98 páginas, é possível identificar uma bagagem riquíssima, uma tratativa primorosa sobre a Ética e a Moral e, nesse sentido, é patente que nossos educadores compreenderam o sentido prático da transversalidade e da interdisciplinaridade. Por outro lado, em nenhum momento a Ética Senciente foi sugerida ou mencionada. A conduta Ética do livro é categoricamente *especista*, pois trata dos valores humanos, da relação do homem com o próximo (que é o próprio homem), o bem maior para a espécie humana.

Na composição dos Temas Transversais dos PCNs, encontramos o livro 9.1 com o título “*Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente / Saúde*”. Nesse tomo a questão ambiental e a sustentabilidade são apresentadas como propostas de debates nas disciplinas. Como esperado, no Brasil temos uma facilidade e um domínio sobre o tema; somos, em certo grau, candidatos natos a guardiões do ecossistema, pois ainda não estamos totalmente contaminados pelas justificativas econômicas do capitalismo selvagem e sabemos reconhecer, com honestidade, a importância desse assunto em nível mundial. “A questão ambiental — isto é, o conjunto de temáticas relativas não só à proteção da vida no planeta mas também à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das comunidades — compõe a lista dos temas de relevância internacional” (BRASIL, 1997, Livro 9.1 – p. 21). Aqui encontra-se um ponto de conexão para o desenvolvimento da ética senciente e reformulação da moral humana e nós temos a condição de inaugurar, com sucesso, essa reforma, isso se já não a iniciamos. No entanto, lendo todo o texto de 58 páginas a palavra moral é encontrada apenas 1 vez; ética, 9 vezes; animal, 2 vezes e senciente, nenhuma. O capítulo destinado ao tema Proteção Ambiental, iniciado na página 34, se desenvolve dando o significado de alguns conceitos, como proteção, preservação, conservação, recuperação e degradação, no entanto, quase todos orientados aos pontos legisladores sobre normas, condutas e regras de delimitação de espaços geográficos e programas de abrangência mundial, como o Pnuma¹⁴ da ONU, sem uma proposta

¹⁴ Pnuma – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, lançado pela ONU em 1991, com propostas de princípios e ações estratégicas para a construção de uma sociedade sustentável.

efetiva de reflexão ética ou questionamento prático da moral. No tema sobre sustentabilidade, referenciando o Pnuma, encontramos o seguinte princípio:

Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos (princípio fundamental). Trata-se de um princípio ético que “reflete o dever de nos preocuparmos com as outras pessoas e outras formas de vida, agora e no futuro”. (BRASIL, 1997, Livro 9.1 – p. 30).

Atentemos para a frase “reflete o dever de nos preocuparmos com as outras pessoas e outras formas de vida, agora e no futuro”. Sim, a colocação é especista, pois reconhece que devemos ‘respeitar’ outras formas de vida como algo apartado da forma de vida humana. A vida, nesse sentido, está reduzida, como no pensamento cartesiano, dividida, classificada, categorizada, quando na verdade a vida é única, complexa, interpenetrada nas entidades sencientes que se favorecem dela e mesmo nos outros reinos que irão compor o conjunto do planeta vivo, mas que o cientificismo reluta em aceitar, por exemplo, uma simples pedra como algo integrado à vida. Se somos capazes de dividir, sem perceber, um conceito fundamental que encerra em si um propósito indivisível, a vida, então teremos dificuldades em tratar o fundamental como único. Estaremos sujeitos à classificação, à atribuição de pesos e valores distintos. Inevitavelmente, exerceremos a reflexão ética amparados em valores morais fragmentados, disciplinarizados, condenados ao reducionismo. Contudo, a liberdade do pensamento, para Edgar Morin, está na atitude conciliadora, integradora da filosofia:

A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi a sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução do ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura. (MORIN, 2011, p. 23).

Problematizar, conquistar a liberdade com autonomia (FREIRE), esse é o papel da filosofia que, saindo do paradigma que a ciência contemporânea impôs - escravizando-a no positivismo lógico, no método cartesiano - conseguirá ver, fora do círculo cientificista, um novo caminho para o conhecimento e uma nova reflexão sobre a condição humana. Nesse sentido a ética senciente pode ser o tema transversal por excelência, capaz de transpor, diagonalmente, as disciplinas rumo a um novo método de ensino que coloque a vida como pano de fundo da interdisciplinaridade. “Enfim, um pensamento unificador abre-se de si mesmo para o contexto dos contextos: o contexto planetário” (MORIN, 2011, p.25).

8 – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL. A PORTA DE ENTRADA.

No Brasil o ensino está dividido em etapas com ciclos. A primeira etapa, nomeada como Educação Básica, é a que nos interessa para este estudo. Abaixo, uma tabela para ilustrar os ciclos em cada uma das etapas principais:

LEI 9.394/96 com alterações da Lei 11.274/2006		
Educação Básica	Educação Infantil	até 6 anos de idade
	Ensino Fundamental	6 a 14 anos de idade
	Ensino Médio	14 a 16 anos
Educação Superior	Ensino Superior	Após conclusão do ensino médio

Tabela 1 - Estrutura do Ensino no Brasil. Fonte: Elaboração do autor, 2012.

Vamos retornar às teorias de Piaget sobre os quatro estágios no desenvolvimento da inteligência humana e atentar para o segundo e terceiro estágios: Pré-operatório (dois a sete anos) e Operatório-concreto (sete a doze anos). Segundo Piaget, a criança inicia o segundo estágio desenvolvendo o pensamento egocêntrico, quando então começa a ‘perceber’ o mundo e constrói para si imagens subjetivas. Essa é a fase da construção da linguagem narrativa, do faz-de-contas, terminando, no terceiro estágio com a superação do egocentrismo e a construção da noção de reversibilidade. É o momento da construção dos símbolos, da classificação, da ordenação e da inserção dos conceitos de classe e categorias. Nesse ponto, portanto, ela ordena a experiência vivida e passa efetivamente a construir as normas internas que darão a base para a formação de seus valores morais. Paulo Freire está com a razão quando diz que “ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos”. O homem constrói sua autonomia por um processo do “vir a ser”. Sendo assim, essa é a porta de entrada para a reforma do pensamento humano, a próxima geração de homens capazes de pensar a complexidade e compreender a vida na perspectiva da ética senciente, interpenetrada nos diversos reinos da existência planetária, do homem no cosmos e não do cosmos para o homem.

A Educação Infantil e o Ensino Fundamental, que coincidem com os estágios de Piaget citados acima, constituem o momento adequado para a inserção da ética senciente como proposta de reflexão sobre uma moral não especista. Ao olhar para o animal de abate, reconhecendo-o como capaz de sentir dor e prazer, a criança estará fixando um novo conceito de valor sobre a vida. Dessa prática, quase um hábito de explosão emocional, poderá, no futuro, conquistar sua autonomia numa dimensão que contemple a complexidade do mundo. O respeito ao próximo, à natureza, ao planeta deixará de ser uma condição normatizada para compor a sua essência como ser no mundo, parte do mundo. O desafio está no método e essa é a questão que ficará em aberto neste artigo para que os teóricos da Pedagogia possam encontrar

o caminho prático e ainda julgar o mérito. Para reflexão, um parágrafo do artigo “*Do mito de Sísifo ao vôo de Pégaso: As crianças, a formação de professores e a Escola Estação Cultural*”, de autoria de Monica Fantin.

O fato de a atual estruturação da escola, a cultura escolar e o currículo estarem sempre em atraso em relação às linguagens dos estudantes representa um fator limitante do papel atribuído a uma instituição de ensino. Além disso, a distância muitas vezes abissal entre a linguagem dos professores e a dos alunos faz com que a força de comunicação recíproca entre eles esteja muito menos clara do que já foi no passado e muito menos legitimada. Se no passado a escola era mais prescritiva, hoje, em meio a dúvidas e relativizações de todas as ordens, quase não se considera mais nada obrigatório, e a escola, como referência e espaço de conhecimento e ensino-aprendizagem, vai distanciando-se cada vez mais dos desafios da sociedade atual. (FANTIN, 2008, p.161).

CONCLUSÃO

Patente está que precisamos reformular o ensino dando a ele a condição necessária para enriquecer esse diálogo sobre a ética e a moral em bases mais amplas, que não fiquem restritas apenas à espécie humana. O homem precisa religar o que separou um dia através do conhecimento científico para entender e compreender o seu papel no mundo. Se a ética senciante é o discurso correto para estimular essa reflexão do homem no mundo, cabe aos pesquisadores criar o ambiente e verificar, embora um sentimento advindo do de censo comum diga que sim. Quando Platão diz que olhar a beleza do mundo não é ver a beleza em si ele cria uma ponte de entendimento sobre uma verdade absoluta que precisa ser considerada: A vida não é esta ou aquela vida. Ela apenas é e o entendimento a cerca dessa verdade somente poderá ser alcançado pelo homem que conquistou a sua liberdade, tirou as cercas que o aprisionavam no reduto imaginário do EU.

REFERÊNCIAS:

CATÂNEO, Marciel Evangelista. **Produção Filosófica**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. **Ética Clássica**. Palhoça: UnisulVirtual, 2008.

_____. **Ética Moderna**. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

BARTEL, Márcio Renato. **Ética Contemporânea**. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

TARGA, Dante Carvalho. **Filosofia da Educação**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

SILVA, Maria da Glória Silva e; SALVALAGGIO, Marília Maura Pires Baptista; OLIVEIRA, Alessandra de. **Psicologia e Educação**. 2.ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

BEVILAQUA, Itamar Pedro; BARBOSA, Letícia Bizarro; CATÂNEO, Marciel Evangelista. **Cenários Futuros**. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

PLATÃO. **A República**. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

KANT, Emanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Brasil Editora S.A., 1959.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 19.ed. Rio de Janeiro: Bertrams Brasil, 2011.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.

FELIPE, Sônia T. **Ética e Experimentação Animal**. Florianópolis: UFSC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FANTIN Mônica; GIRARDELLO, Gilka (orgs.). **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papirus, 2008.

AQUINO, Italo de Souza. **Como ler artigos científicos: da graduação ao doutorado**. São Paulo: Saraiva, 2010.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640:parametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195:seb-educacao-basica>. Acesso em: 09 mai. 2012.

The Guardian. **All beings that feel pain deserve human rights**. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare>>. Acesso em 09 mai. 2012.

WIKIPÉDIA. **Edgar Morin**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Morin>. Acesso em: 20 abr. 2012.

WIKIPÉDIA. **Sônia T. Felipe**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B4nia_T._Felipe>. Acesso em: 25 abr. 2012.

WIKIPÉDIA. **Peter Singer**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Singer>. Acesso em: 05 mai. 2012.

YOUTUBE. **Edgar Morin Educação na Era Planetária** (UNESCO, Paris 2005). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=shOEPRPDZEY&feature=fvsr>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

YOUTUBE. **Ética e Direitos Animais com Sônia T. Felipe** (TV Câmera, 2009). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EK0hVSpHn_I>. Acesso em: 10 mai. 2012.